

O CURSO DE EXTENSÃO “REFLEXÕES SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIA+: DIFERENTES NARRATIVAS E HISTÓRIAS ENTRE CASA, ESCOLA, TRABALHO E COTIDIANO”

RODRIGO BORGES DIAS¹; FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO²; NEWAN ACACIO OLIVEIRA DE SOUZA³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – rodrigobce157@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – felipe.aurelio197@hotmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande – newansouza@outlook.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Grupo de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*, desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR, procura fortalecer a tríade ensino, pesquisa e extensão de modo a entender e valorizar as lutas por representação de diversas comunidades que foram invisibilizadas nas narrativas oficiais da cidade de Pelotas.

O *Margens* vincula três projetos de extensão, que envolvem diferentes instituições de ensino e grupos diversos, como comunidades negras e LGBTQIA+ da região de Pelotas. Neste texto, trataremos sobre uma ação do projeto de extensão *Mapeando a Noite – O Universo Travesti*, projeto que surgiu a partir de demandas de pessoas trans e travestis que não se enxergavam nas narrativas e pesquisas produzidas no ambiente das universidades. Este, segundo elas, que segregava, exclui e apaga a existência da população T da sigla LGBTQIA+.

Neste trabalho apresentaremos uma das ações do projeto *Mapeando a noite*, realizada no ano de 2020. Trata-se de um curso de extensão denominado *Reflexões sobre comunidade LGBTQI+: diferentes narrativas e histórias entre casa, escola, trabalho e cotidiano*. A ideia do curso de formação docente surgiu a partir da participação de parte da equipe do projeto com uma fala, intitulada *Transeducação: práticas educacionais e inclusivas*, no curso de extensão *Ressignificando os olhares sobre as práticas inclusivas na Educação*, da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Durante esta atividade, realizada remotamente, foram discutidos alguns dos tantos aspectos relacionados à inserção e permanência de pessoas trans e travestis na educação básica. Participantes elencaram a importância de temáticas como esta serem tratadas nos currículos de formação inicial e continuada de professoras/es/us, pedindo, inclusive, para que o *Mapeando* realizasse um curso de extensão como aquele, onde fossem tratadas, em centralidade, as intersecções entre Educação e comunidade LGBTQIA+.

Considerando o contexto de isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19, a equipe do Projeto Mapeando a Noite resolveu atender à demanda e organizar o curso de extensão de forma remota. Este, foi planejado com apoio da Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas - SMED, visando: Fomentar as discussões sobre diversidade sexual e de gênero; Contribuir para um intercâmbio de reflexões sobre estas comunidades com docentes; Construir reflexões conjuntas acerca dos grupos e temáticas abarcados pelo curso e pelas atividades propostas; Sensibilizar o olhar dos e das docentes sobre potenciais situações de opressão e violência contra sujeitos LGBTQIA+; Desenvolver discussões sobre as pautas, narrativas e políticas públicas voltadas à comunidade LGBTQIA+; Bem como, propor questionamentos sobre as estruturas e práticas cristalizadas nas rotinas escolares.

2. METODOLOGIA

A equipe constituída por bolsistas e estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes cursos, bem como de pesquisadores/as/us de outras universidades, realizou diversas reuniões aos sábados para planejamento do curso, antes de cada encontro para a finalização e análise das atividades e organização dos encontros. Toda a organização foi pensada de forma participativa, a partir de um processo colaborativo escolhemos as atividades e temas que seriam abordados em cada encontro, quem convidaríamos para serem palestrantes e a plataforma que usaríamos já que a Webconfe da UFPel não comportaria o número vagas disponibilizadas.

Os encontros foram realizados utilizando a plataforma Google Meet, em conjunto com a plataforma Google Classroom. Onde ficaram disponíveis o programa do curso, o fórum de debates e a postagem de atividades. O curso teve duração de 45h divididas nove encontros síncronos, entre os dias 20 de julho e 21 de setembro de 2020. Também foram planejadas atividades assíncronas referentes a cada aula, que envolveram materiais diversos como: colagens, textos, banners e vídeos.

Pensar metodologias para a construção e realização do curso perpassaram reinvenções, que se apresentam no escolher os formatos de divulgação, identidade visual, plataformas, formatos de inscrição e inclusive protocolos para possíveis ataques digitais. Como divulgar e alcançar o público alvo? Como propiciar espaços de interação e trocas mesmo que online? Esses dois questionamentos são de demasiado interesse nesse breve relato, pois suscitam refletir sobre o desenvolver atividades de extensão em um contexto ainda mais desafiador.

Partimos para o público alvo, este formado por docentes de educação básica da cidade de Pelotas, relação essa construída a partir do apoio da SMED, como já descrito. Entretanto, ao iniciarmos a divulgação realizada via páginas online do GEEUR e, consequentemente, abertura das inscrições através de formulário google, nos surpreendemos com o alcance de abrangência nacional de compartilhamentos, divulgações e inscrições. Ao todo foram mais de 160 inscrições, em sua maioria, pessoas de outros lugares do Brasil e não-docentes de educação básica.

Nos inspiramos em Paulo Freire quando diz que “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 2019, p. 127). As temáticas propostas, dentro do curso, se instituem perante os processos de exclusão e violência¹ que sujeitos LGBTQIA+ sofrem em diferentes espaços. A educação como prática de extensão não que se dá de forma isolada, é uma metodologia calcada nos diálogos que ocorrem entre comunidades, escola, família, lazer, cultura e movimentos sociais. É algo político, construído coletivamente através da interação, da troca de saberes, dos contatos entre diferentes percepções e alteridades, localizadas no acontecer histórico, social e espacial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro encontro, realizado no dia 20/07, apresentou a organização do curso, razões para a importância de se abordar tais temáticas enquanto formação docente e finalização com uma atividade de imersão (com poesia e música) para

¹ Segundo o Dossiê da ANTRA de 2019: 99% das pessoas LGBTQIA+ participantes afirmaram não se sentirem seguras no país; 95% (estimativa) dos casos nos quais a notícia diz se tratar de "homem vestido de mulher é encontrado morto", trata-se do assassinato de uma travesti ou mulher transexual que é noticiado de forma transfóbica; Entre 2008 a 2019 a média de assassinatos é de 118,2/ano; Só em 2019, 11 pessoas foram agredidas diariamente no Brasil.

participantes, para compartilharem suas percepções, sensações e opiniões sobre vivências de pessoas transexuais.

No dia 27/07, durante o segundo encontro, sobre a História dos Movimentos LGBTQIA+ no Brasil, Keila Simpson - Presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) - realizou uma fala sobre trajetórias e dificuldades dos movimentos, abordando vários temas pertinentes e necessários à discussão LGBTQIA+, sendo a atividade construir um breve comentário de no máximo uma página sobre o filme-documentário *Dzi Croquettes*².

O terceiro encontro discutiu sobre a sigla LGBTQIA+, suas mudanças, significados. Foi uma aula realizada pela equipe organizadora, expondo as diferentes letras, lutas e dificuldades de cada denominação, propondo-se como atividade assistir ao vídeo “Rita em 5 Minutos: LGBTQIA+”³ e a partir dele produzir um material (poesia, desenho, fotografia, colagens, entre outros produções) sobre a temática.

Durante o quarto encontro, sobre relações familiares, contamos com a participação de Renata dos Anjos – Representante do grupo MÃES Pela Diversidade, abordando os desafios da população LGBTQIA+ nas relações com suas famílias e a realidade da expulsão e segregação familiar. A atividade foi assistir a dois vídeos do canal “Guardei No Armário”, pertinentes a temática ao narrar sobre diferentes processos de aceitação individual, religioso e familiar, para então produzir um material de cunho livre.

Seguindo o tema sobre segregação, os dois encontros seguintes foram em 17/08 e 24/08 sobre educação, escola e ensino superior, visando discutir e refletir no que diz respeito à ocupação dos espaços acadêmicos e educacionais pela comunidade LGBTQIA+: as dificuldades, receios e necessidade de uma participação epistêmica no contexto escolar. A primeira atividade consistiu em buscar notícias e manchetes para escrever um breve comentário sobre as relações que envolvem escola e população LGBTQIA+. A segunda, relacionada a uma cartilha de acolhimento ao ingresso no espaço universitário produzida pelo Centro Acadêmico Florestan Fernandes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas (CAFF - UFPEL) e escrever um breve comentário sobre a importância da inclusão desses temas em discussões e currículos de cursos de formação superior, fora de um sistema de representação cisgenderonormativo.

No dia 31/08, no sétimo encontro, a temática do trabalho entrou em pauta, com um debate sobre a relação entre trabalhadoras sexuais a partir de uma perspectiva arqueológica. Discussões e narrativas sobre o direito a cidade e ao mercado de trabalho guiaram o encontro, sendo a atividade a elaboração de mapas, desenhos ou colagens que demonstre as lutas das trabalhadoras sexuais.

O encontro de 14/09 tratou sobre o direito ao lazer, a interação entre políticas públicas e sociais que visam o lazer como um direito universal - que é muitas vezes negado às comunidades - debatendo tais questões junto ao olhar sobre processos históricos, assim como, pensando Estado e Governo na dinamização de sujeitos LGBTQIA+. Como atividade, produzir um cartão postal sobre espaços e lugares seguros para a comunidade a partir do documentário “Depois do Fervo”.

No dia 21/09 ocorreu a finalização do curso com amostras de atividades e materiais produzidos, fomentando assim, discussões sobre o seu decorrer. Neste momento, os relatos de experiência e de vida se misturam as trocas de

² Lançado em outubro de 2009 e dirigido por Raphael Alvarez e Tatiana Issa, o filme-documentário conta a história dos *Dzi Croquettes*, um grupo de teatro e dança brasileiro, que atuou de 1972 a 1976 usando da irreverência e do besteirol para criticar a ditadura civil-militar.

³Tempero Drag, 20 de nov. de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EREoc40JBr8&ab_channel=TemperoDrag

conhecimento e, assim como descreve Barreto (2018), entre os contatos e articulação de diálogos - palestrantes, ouvintes, participantes e organização - o que ocorre é reafirmação de “demandas conjuntas, que se cruzam na garantia por suas vidas, mesmo cada corpo em sua singularidade” (BARRETO, 2018, p.331). Este para além de ser produto das inúmeras intersecções existentes entre as pessoas ali envolvidas, é um aspecto próprio do viés extensionista pelo qual a ação foi proposta.

4. CONCLUSÕES

Ao longo do curso, e dos mais variados debates e trocas, percebemos a importância de discutir temáticas acerca das multitudes de vivências da comunidade LGBTQIA+, as diferentes pautas, intersecções e formas de violência sofridas. Assim discutir a inclusão da população LGBTQIA+ nas instituições de ensino, empresas e governos é essencial para pensarmos políticas efetivas, práticas de diálogo, mudança e enfrentamento à discriminação. Os espaços educacionais têm devida importância na desmistificação de preconceitos, e docentes são importantes figuras nesse cenário (cenário esse que é constituído por diversos atravessamentos).

Com a ajuda da organização, pessoas inscritas e palestrantes foi possível a construção de um curso participativo, inclusivo e informativo, contruindo e mostrando a necessidade de existirem interações entre a população LGBTQIA+ e a sociedade (professores/as/us, pesquisadores/as/us) objetivando o respeito aos direitos individuais e percepções de mundo. É na construção coletiva, calcada nos saberes compartilhados e nos ideais de Paulo Freire (2019) sobre “educar para liberdade” que propusemos refletir e repensar práticas hegemônicas de “fazer educação” que invisibilizam, oprimem e violentam sujeitos que estão fora de uma cisheteronormatividade imposta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barreto, D. J.; Sales, A. B.; Peres, W. S.; Dallapicula, C. **Podem as travestis estudar? Regimes de verdade sobre corporalidades vibráteis na escola.** Psicologia Política, 18(42), p. 322-336, 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 45º ed., 2019.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA); Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE). **Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2019.** BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (Orgs). São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>